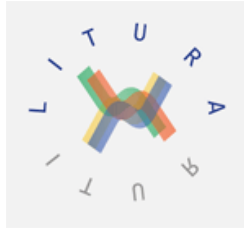


Quem somos “nós”?

Marcus André Vieira



Boas vindas e agradecimento na abertura do V Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana, Rio de Janeiro, junho de 2011, juntamente com Alicia Arenas, Marina Recalde, previamente à fala de abertura de Judith Miller)

Palavras-Chave: orientação lacaniana, Miller, EBP, sujeito.

Bom dia a todos.

A alegria é grande por estarmos aqui hoje, reunidos pelo ENAPOL, nosso Encontro Americano da Psicanálise de Orientação Lacaniana, em sua 5ª edição.

A direção executiva deste encontro, reunindo as três escolas do campo freudiano nas Américas, Alicia Arenas pela NEL (Nueva Escuela Lacaniana), Marina Recalde pela EOL (Escuela de la orientación lacaniana) e eu mesmo, Marcus André Vieira, pela EBP (Escola Brasileira de Psicanálise, gostaria de lhes dirigir algumas palavras de boas vindas.

Passo a palavra para Alicia e a seguir à Marina.

(...)

Nestes últimos dias, retornaram-me algumas palavras da apresentação do encontro, redigida há um tempo que hoje parece muito distante, e que se concluía assim:

“Aguardaremos suas contribuições. São elas que poderão materializar, na impressionante escala desta comunidade que constituímos, a marca da psicanálise.”

Acho que se as ando ouvindo é porque antecipavam alguma coisa que já conhecíamos de encontros anteriores, mas que é sempre surpreendente. É realmente “impressionante” a “escala” das contribuições do Enapol. É impressionante o trabalho do Campo Freudiano. Primeiramente em termos de tamanho, afinal somos hoje 1460, e faço questão de contar aos nossos queridos colegas lamentavelmente impossibilitados de viajar, 1460 de 14 países, onde foram realizados um grande número de encontros preparatórios, tivemos o Diário do Americano, os textos on-line, as orelhas da livraria, resenhas, uma bibliografia ponderada original, uma exposição dos colegas artistas plásticos, as conferências de Laurent e Judith, o lançamento do Livro de J. A. Miller com Judith e Gorostiza. Tudo isso antes do Encontro propriamente dito, sem contar a super festa de ontem.

Impressiona também não apenas o tamanho, mas o modo como se instituem nossos encontros e especialmente este gigante que é o Encontro Americano. Ele não tem como base o *paratodos*, mas o cada um. E isso se apresenta não apenas nas contribuições sob a forma de textos, mas também na contribuição de cada um na própria organização do evento. É o que fica evidente na lista de nomes próprios que destaquei para, agradecendo a eles, agradecer à multidão de trabalhadores decididos que fomos e estamos sendo hoje.

Começo por Judith Miller, inspiração, presença, atenção nos detalhes e na orientação segura todo o tempo. Temos muito a agradecer a Leonardo Gorostiza, presidente da AMP, constantemente presente nos permitindo estar passo a passo com o Pipol e com a orientação nele imprimida por Jacques Alain Miller. No mesmo sentido, a interlocução com Elisa Alvarenga, presidente do conselho AMP América, foi essencial. Devemos muito a Eric Laurent, que aceitou prontamente mais uma viagem e mais uma locasemana, para o Enapol que não seria o que é sem ele. Antonio Beneti (agora Ana Lydia Santiago), Romulo Ferreira (e mais recentemente Cristina Drumond), assim como Ondina Machado, Paula Borsó

e Fernando Coutinho presidentes e diretores da EBP e da EBP-Rio, sempre atentos, souberam fazer com que a cada passo este Encontro fosse um acontecimento de Escola.

Mais diretamente com relação à confecção deste encontro, como não destacar a comissão científica e o trabalho de Ana Lúcia Lutterbach-Holck, sua coordenadora? Na concepção geral do Enapol, trabalhando com os cartéis interescolas de seleção seus talentos estiveram a nosso dispor. Apenas graças à sua capacidade de reinvenção contínua (e de sua comissão de apoio) tornou possível que as 400 propostas recebidas se ordenassem no programa que agora vocês têm em mãos que quase foi refeito uma enésima vez de ontem para hoje.

Como disse Marina, as cinzas do vulcão deixaram várias lacunas em nosso programa. Optamos pela lacuna em lugar de um remanejamento impossível, apostamos que todos saberão se aclimatar no seu ambiente, seja ele vastíssimo como agora, ou mais íntimo nas salas menores, ao ainda imprevisível, em uma nova mesa e tirar o maior proveito possível da discussão, que é o que importa.

Voltando à preparação, o Diário do americano teve 26 números e sua editora Lucíola Macedo, pôs sua capacidade editorial para criar sustentar o pinga-fogo, as resenhas e comentários de um debate virtual intenso. Helenice de Castro na editoria web sustentou o trabalho em direção ao encontro na organização das informações práticas, na constituição de um banco on-line de mais de 35, textos, que juntamente com as mais de 60 contribuições do boletim *HaciaelEnapol*, editado por Marina e Fernando Vital foram um corpo de textos que ficará on-line à disposição de todos.

Este livro, olivro do Encontro, foi construído na vertiginosa eficiência de Alejandra Glaze, Elisa Monteiro e Fernanda Otoni. Como parte de seu trabalho, mas não apenas, Maria Angela Maia, Adriana Testa e M. Cristina Giraldo coordenaram uma bibliografia ponderada de mais de 700, entradas e pela primeira vez interescolas, que está na íntegra no site.

Ainda é preciso agradecer à organização financeira do encontro a cargo de Paula Borsóí, segura e risonha, com uma comissão cheia de brilho, à Ruth Cohen, pela megainfraestrutura de um megaevento, à Marcia Zucchi, no acolhimento que vai do elegante das ideias e execuções ao havaiano das sandálias, à Gisele Gonin, que com arte integrou as 45 preparatórias realizadas, à Mirta Zbrun, pela exposição e articulação com a Maison de France, a ABL e o Consulado da Argentina à Vanda Assumpção pela organização da secretaria e à Andrea Reis e Anamáris Pinto compondo uma livraria e inventando um bazar que promete ser inesquecível.

E na coordenação geral de tudo isso, Ondina, Ondina Machado, motor bizantino deste evento, em todos os planos, político, clínico e epistêmico, tantas numa só.

Sem encerrar uma lista que deve permanecer aberta, quero ainda registrar como Alicia Arenas me encantou com sua pragmática elegância e Marina Recalde me ensinou com a capacidade de trabalhar e produzir muitíssimo, chifladamente, sem deixar de se deixar levar pelo bom do riso.

Espero que esta lista componha para vocês, um objeto híbrido, um estranho coletivo que reflete o modo como nossa comunidade trabalha e se reúne. Quem somos nós? Não seguimos sob o império dos significantes-mestres e das palavras de ordem, nem da conformização pelo número ou pelo capital. Somos uma coleção como as das listas de Borges (um tigre, um espelho e um Aleph), uma montagem como a do dínamo no bico de gaz de Lacan, formamos uma “colagem surrealista”.

Nos reúne, no entanto, o fato de consentirmos em passar pelos significantes de Freud e Lacan para fisgar a singularidade do que nos leva adiante. E como nos permitiu perceber J. A. Miller, em seu curso da orientação lacaniana, tanto da na vida quanto na análise. De fato, na solidão de uma análise, nos servimos dos significantes de que dispomos para (como dizia Laurent em sua conferência na ABL) nomear o desejo que nos deu origem - e neste sentido, nos alienamos com prazer a eles, até que nomeações originais, no limite do sentido possam ser produzidas.

Nossa ação na cidade não é tão diferente. Talvez por isso, não podemos abrir mão de nossos termos, e em uma escala macro, como a de hoje, de nossos conceitos, que constituem, como descreveu Miller, nossa língua. Essa língua, em boa parte, é o que nos sustenta e orienta na barra pesadíssima que sustentamos nos mais diversos dispositivos do campo da saúde mental, do direito e da educação. Mas

somos estranhos, e não por nossos conceitos ou jargão, mais pelo desejo singular, e louco, que eles veiculam. Todo aquele entre nós que já lidou com a organização de nossos eventos já se deparou com a interrogação: Como assim? Vocês querem fazer tudo isso sem dinheiro ou patrocínio? Só vocês, sem contratar empresas e profissionais? E vocês ainda pagam sua inscrição?

Creio que um Encontro como este, permite em um breve espaço de tempo, a inscrição de um “nós”, o nós da coleção do que somos. Permite que tenhamos certeza de que o incomunicável da singularidade não é necessariamente solidão, que o impossível não é sem laço, que o real não é apenas trauma, mas também surpresa e certeza.

Talvez seja isso que nos dá o jogo de cintura para lidar com epidemias e vulcões, para fazer a loucura de uma festa antes do encontro. Nas grandes empresas, hoje é costume celebrar o fechamento de um negócio, por exemplo. Nós conversamos e cantamos na abertura, afinal, este encontro não fecha, antes abre.

É este “Nós”, que se materializou para mim, durante o trabalho da organização do Enapol, que gostaria de lhes devolver como boas vindas. Passo então a palavra a Judith Miller para abrir o quinto Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana.